

NADA DIGO DE TI, QUE EM TI NÃO VEJA, DE ELIANA ALVES CRUZ: UMA ANÁLISE LITERÁRIA E COMPARATIVA DO ROMANCE HISTÓRICO SOB O OLHAR FEMININO

Raul I. V. Arriagada (FFLCH, USP)¹

RESUMO: O presente artigo tem como escopo analisar a obra *Nada digo de ti, que em ti não veja* (2020), da autora brasileira Eliana Alves Cruz. A pesquisa procura estabelecer um diálogo com a obra *A cabana do Pai Tomás* (1852), da escritora norte-americana Harriet Stowe, a partir de vários pontos em comum abordados na trama, de modo particular a escravidão vivenciada nos Estados Unidos e no Brasil no século XIX. A análise se detém na ação das personagens, principalmente negras, estabelecendo paralelos e convergências. O artigo também analisa o papel da escrita feminina: no caso de Stowe, um ato de coragem, para sua época; no de Cruz, a revisão da história por meio de uma narrativa que envolve não somente a questão escravocrata, mas também de gênero e sexualidade. Ambas escritoras desafiam regras e conseguem construir tramas inteligentes e envolventes. O texto procura também definir a construção do ódio, do desprezo ao outro, o que leva o ser humano a escravizar e humilhar seu semelhante.

PALAVRAS-CHAVE: escritora; escravidão; negro; inimigo; literatura

RESUMEN: El presente artículo tiene como escopo el análisis de la obra *Nada digo de ti, que em ti não veja* (2020), de la autora brasileña Elaine Alves Cruz. La investigación busca establecer un diálogo con la obra *La cabaña de Tío Tom* (1852), de la escritora norteamericana Harriet Stowe a partir de varios puntos en común abordados en la trama, de modo particular la esclavitud vivida en los Estados Unidos y en Brasil en el siglo XIX. El análisis se detiene en la acción de los personajes, principalmente negros, estableciendo paralelos y convergencias. El artículo también analiza el papel de la escrita femenina: en el caso de Stowe, un acto de coraje, para su época; en el de Cruz, la revisión histórica por medio de una narrativa que abarca no solamente la cuestión de la esclavitud, pero también de género y sexualidad. Ambas escritoras desafían reglas y consiguen construir tramas inteligentes y seductoras. El texto busca también definir la construcción del odio, del desprecio hacia el otro, que lleva al ser humano a esclavizar y humillar a su semejante.

PALABRAS CLAVE: escritora; esclavitud; negro; enemigo; literatura.

INTRODUÇÃO

Os primeiros vinte anos deste século XXI têm sido marcados, segundo muitos especialistas e estudiosos, pela revolução tecnológica. Muitos fatos evidenciam tal afirmação como, por exemplo, o modo como nos relacionamos com as pessoas, nosso trabalho e os serviços que temos disponíveis em dispositivos celulares. Sem querer desmerecer os avanços

¹ Doutor em Letras pela Universidade Mackenzie de São Paulo (2016), mestre em Letras pela mesma instituição (2006), especialista em Língua Portuguesa pela Universidade Metodista de São Paulo (2000) e graduado em Comunicação Social pelo Instituto Metodista de Ensino Superior (1988). Atualmente é coordenador e professor no curso de Letras do Centro Universitário Sumaré (São Paulo).

tecnológicos, outro fato, de ordem social, tem também marcado de forma significativa este começo de século: o empoderamento do povo negro e sua afirmação no que se refere à expressão cultural, social, política e representativa.

Como nunca, temos em nossas livrarias livros de escritores negros, homens e mulheres. São pensadores, poetas, sociólogos, agitadores culturais e literatos. Talvez em outros países, como nos Estados Unidos ou Inglaterra, que têm em suas galerias de escritores muitos que são negros (exemplos não faltam: Alice Walker, Toni Morrison, James Baldwin, entre tantos outros), a literatura negra já é algo consolidado e respeitado, mas o fenômeno, digamos assim, por aqui, é recente.

Os temas sobre o que eles escrevem são variados, mas podemos perceber significativamente que o tema da escravidão é um dos mais relevantes porque diz respeito a um passado que ainda traz muitas marcas e representa um período de dor e humilhação na história dos afrodescendentes.

No século passado, tivemos poucas expressões literárias de escritores negros. Conforme o século XX ia acabando, foram sendo recuperadas suas obras, como foi o caso de Lima Barreto e Maria Carolina de Jesus. Hoje, por outro lado, a atual profusão de obras de escritores negros nos incita a uma aproximação de seus escritos e ao lê-los, analisar suas narrativas, estabelecer diálogos e reconhecer influências de outras obras. As análises literárias procuram entender, ampliar o conhecimento, levantar hipóteses e – principalmente, promover uma aproximação com esses autores que têm muito a nos oferecer.

Neste artigo, a questão da escravidão surge como parte da trama do livro da escritora Eliana Alves Cruz, *Nada digo de ti, que em ti não veja*. O rico enredo, situado no Brasil colônia, traz vasto material para análise. Contudo, nos deteremos em dois aspectos: o diálogo que estabelece com a obra *A cabana do Pai Tomás*, da estadunidense Harriet Stowe, e a escrita feminina.

1. A CONSTRUÇÃO DE UMA TRAMA ORIGINAL

Há uma simpática tirinha de jornal na qual uma garotinha desafia um amigo que ela pode estar em dois lugares ao mesmo tempo, sem sair do lugar. O amigo afirma que isso é impossível. A garotinha, então, abre um livro e começa a ler. Essa breve anedota resume uma das qualidades da literatura: quando lemos nos transportamos para outro lugar, sem sair do espaço físico onde estamos situados. Ao ler, viajamos no tempo, indo para um período no passado ou visitando o futuro.

Em *Nada digo de ti, que em ti não veja* (2020), a escritora Eliana Alves Cruz consegue nos transferir para um dos momentos mais cruéis da história do Brasil que é o da escravidão, por meio de uma trama muito bem arquitetada e com personagens cativantes, nos envolvendo numa aventura que começa na cidade do Rio de Janeiro, se estende para a região das minas, em Minas Gerais, e finaliza no seu ponto de partida, no Rio de Janeiro.

Na história, judeus convertidos ao cristianismo, os Muniz e os Gama, chegam ao Brasil colônia fugidos da Inquisição portuguesa. Suas vidas, após um longo período de prosperidade e tranquilidade, mudam radicalmente com a chegada de um religioso inquisidor à cidade e, paralelamente, sofrem com cartas anônimas, que ameaçam revelar seu passado e origem. A salvação da família, de repente, recai nas mãos de Vitória, escrava liberta e travesti que esconde um envolvente romance com o filho mais velho da família Gama. Em paralelo, a vida dos escravos – serviçais de casa – também é alterada pela nova ordem dos fatos. Vitória, acaba entrando na vida de todos e participando ativamente do desfecho, mudando o destino dos protagonistas.

Eliana Alves Cruz assume o lugar de fala (RIBEIRO, 2019) e o que oferece ao leitor é uma trama histórica contada pelo olhar de uma escritora negra. A originalidade não reside apenas nesse fato, mas na voz que dá aos escravos, à mulher negra, à mulher branca e aos explorados nas minas de ouro, em sua maioria crianças negras. A sexualidade também merece destaque, principalmente quando seu personagem principal é Vitória, que reúne em si o masculino e o feminino, confundindo aqueles que não podem ou não conseguem entender a expressão da sexualidade além do normativo.

Por fim, ao nos apresentar um núcleo familiar branco e como as consequências de seus atos refletem no grupo de personagens negros que servem na casa, a autora se aproxima da conhecida trama do clássico norte-americano *A cabana do Pai Tomás* (1852), de Harriet B. Stowe. Ainda que aventura e romance estejam presentes nas duas obras, a brasileira difere ao ser narrada por uma mulher negra. Não se trata de comparar os textos em qualidade. Ambas as obras têm seu valor, mas é relevante lermos um texto escrito pelo povo que sofreu na pele a escravidão.

As histórias importam. Muitas histórias importam. As histórias foram usadas para espoliar e caluniar, mas também podem ser usadas para empoderar e humanizar. Elas podem despedaçar a dignidade de um povo, mas também podem reparar essa dignidade despedaçada (ADICHIE, 2020, p. 32).

As palavras da escritora nigeriana Chimamanda Ngozi Adichie encontram eco no livro de Eliana Alves Cruz, por encontrar em sua narrativa um resgate e empoderamento do povo

negro (detectado principalmente nas personagens Vitória, Quitéria e Zé Savalú) que poucas vezes tiveram suas histórias narradas com dignidade na literatura brasileira.

2. ROMANCE HISTÓRICO A PARTIR DAS MINORIAS

Olhando rapidamente para a produção editorial literária no Brasil, vamos nos deparar com poucos autores negros. O Brasil amarga o título de ser o último país escravocrata do continente a abolir a escravidão (A Lei Áurea ocorreu em 1888), e essa libertação tardia não significou um ganho positivo para os negros, agora libertos. Não houve, digamos, uma indenização que buscasse ampará-los diante da nova realidade que agora teriam que enfrentar: começar suas vidas da estaca zero (trabalho, moradia, sustento das famílias etc.).

A luta dos negros por trabalho, muitas vezes com baixos salários e escasso acesso à educação refletirá na pouca produção literária durante o século XX, principalmente nos primeiros cinquenta anos. Embora Machado de Assis seja atualmente reconhecido como um escritor negro, durante todo o século XX foi visto como um autor “mulato”. Falecido em 1908, no Rio de Janeiro, o grosso de sua obra já tinha sido publicado no século anterior, isto é, embora relevante, sua obra não retratava os novos tempos.

Contudo, no começo do novo século, o Brasil será registrado sob o olhar crítico e irônico de Lima Barreto (1881 – 1922). O autor pré-modernista relata nas suas crônicas os subúrbios do Rio de Janeiro (na época capital do Brasil) e suas contradições. Revelam o homem urbano, ganancioso, oportunista e preconceituoso.

Embora personagens negros apareçam em obras de José Lins do Rego, Monteiro Lobato, Jorge Amado, Rubem Fonseca, entre outros, se passariam vários anos até que surgisse um escritor negro que produzisse literatura negra. Em 1960, surge no mercado editorial Carolina Maria de Jesus. Com sua obra *Quarto de despejo: diário de uma favelada* (1960), seria a primeira escritora negra a relatar a situação de pobreza e abandono sofrida pela população negra.

Embora tenhamos resumido a linha do tempo literária, o que desejamos expressar é que, até o fim do século XX, serão poucos os autores negros com expressividade nas Letras. E pior é a situação da crítica literária negra, pois ela é inexistente. A crítica literária é a que formaliza a existência e estrutura de uma produção escrita, é a que determina de certo modo o cânone e a influência deste sobre as demais obras. Segundo Luiz Maurício Azevedo,

há uma razão clara para que não haja hoje no Brasil uma teoria literária materialista negra: ela, afinal, não pode vencer as condições que sistematicamente impedem seu

florescimento. A academia brasileira se fechou para materialistas e para negros. Dessa forma, dificilmente podemos esperar que da profundidade da ausência saia o milagre da presença. Por isso, quando falo de teoria literária materialista negra falo especificamente da tradição internacional, começada por Eric Williams ao colocar a escravidão e a conseqüente construção social sobre o negro como centro do debate intelectual (AZEVEDO, 2021, p. 18).

Em outras palavras, não basta apenas ter a literatura negra, ela precisa ser pensada, analisada e incorporada ao cânone, mas segundo nos mostra Azevedo, isso não acontece pelo fechamento da academia brasileira a esse debate e aceitação.

Por isso é que vemos com entusiasmo a chegada do século XXI, pois promoveu um cenário produtivo para a literatura negra, bem como a publicação de diversos livros que tratam da questão racial e do negro em várias áreas do saber: filosofia, sociologia, economia, história etc. Isto ocorre, em parte, pelo acesso do negro ao estudo superior, o uso de ferramentas virtuais e a mobilização de grupos sociais em favor do debate e lutas por diversas questões (igualdade de condições de trabalho; ruptura de comportamentos que visam padronizar questões estéticas; respeito pela diversidade; preconceito; etc.).

É nesse cenário que surge a obra de Eliana Alves Cruz: ao escrever um romance histórico, se une às vozes que lutam e procuram entender o passado e revisá-lo à luz de seus antepassados, para transformar o presente. O século XXI ainda está no começo, mas já mostra uma produção literária e filosófica negra, robusta e corajosa. A esse respeito, a filósofa Djamila Ribeiro enfatiza:

Estamos dizendo, principalmente, que queremos e reivindicamos que a história sobre a escravidão no Brasil seja contada por nossas perspectivas, e não somente pela perspectiva de quem venceu. Para parafrasear Walter Benjamin, em “Teses sobre o conceito de história”, estamos apontando para a importância de quebra de um sistema vigente que inviabiliza essas narrativas (RIBEIRO, 2020, p. 85).

3. DIÁLOGO COM A CABANA DO PAI TOMÁS

Embora ambientada no Rio de Janeiro quando o Brasil ainda era colônia portuguesa e com personagens fortes como a escrava liberta travesti Vitória e o inquisidor Frei Alexandre, *Nada digo de ti, que em ti não veja* estabelece um diálogo com a obra *A cabana do Pai Tomás* (*Uncle Tom's cabin*, 1852) da escritora norte-americana Harriet B. Stowe.

O texto de Stowe ficou famoso por ter sido lido pelo presidente abolicionista Abraham Lincoln que se referiria a ele como “o romance que provocou a guerra civil”. Harriet Stowe (1811-1896) pertenceu a um grupo de mulheres brancas, escolarizadas e educadas, em sua maioria da região norte (favoráveis à abolição da escravidão), que escreveram romances e

contos influenciadas pelo Romantismo e que promoviam encontros, debates e seminários sobre a libertação dos escravos, entre outras causas.

As mulheres americanas suportaram muitas desigualdades no século 19 nos Estados Unidos: não podiam votar, eram barradas nas escolas profissionalizantes e universidades, não podiam falar em público nem participar de convenções públicas e nem podiam ter propriedades. Apesar de todos esses obstáculos, uma forte rede de mulheres surgiu. Através de cartas, amizades pessoais, reuniões formais, jornais femininos e livros, as mulheres promoveram mudanças sociais. Mulheres intelectuais traçaram paralelos entre elas e os escravos. Corajosamente, exigiram reformas fundamentais, como a abolição da escravidão e o voto feminino, a despeito do ostracismo social e às vezes a ruína financeira. Suas obras eram a vanguarda da expressão intelectual de uma tradição literária feminina maior e que incluía o romance sentimental. Romances sentimentais femininos, como *A cabana do Pai Tomás*, de Harriet Beecher Stowe, eram muito populares. Despertavam emoções e, não raro, dramatizavam questões sociais polêmicas, sobretudo aquelas atinentes à família e ao papel e responsabilidades das mulheres (VAN SPANCKEREN, 1994, p. 44).

Não deixa de ser notável que essas mulheres, conhecidas e estudadas hoje como escritoras e reformadoras, escreviam e publicavam no século XIX, contrastando totalmente com o que ocorria no Brasil nesse mesmo período, isto é, a total ausência da escrita feminina. Mas, além das escritoras reformadoras, surgiram também escritoras e oradoras negras comprometidas com a causa abolicionista como Sojourner Truth (c.1797-1883), cujos textos até hoje surpreendem pela lucidez, coragem e atualidade.

A cabana do Pai Tomás tem como cenário primeiro o estado de Kentucky, nos Estados Unidos. A próspera e justa família Shelby se vê envolta em dívidas com um mercador de escravos chamado Haley. Este propõe ao Sr. Shelby que a dívida pode ser paga lhe entregando o escravo Tomás, como parte do pagamento. Tomás era um homem já maduro, porém leal, bondoso e trabalhador. Contudo, Haley decide que deseja também para liquidar a dívida, ficar com o garoto Harry – filho de Elisa, a escrava dos serviços da casa. As decisões dos senhores da casa afetam diretamente a comunidade de negros que servem no lar que incluem a família de Tomás (mulher e filhos) e Elisa (filho e marido).

Enquanto Tomás aceita seu destino não se opondo à vilania e ganância de Haley, Elisa decide fugir levando Harry consigo, tornando-se uma escrava fugitiva. A obra então se divide basicamente em duas narrativas, a fuga de Elisa rumo ao Canadá (onde não havia escravidão) e o destino de Tomás, que passa por diversos amos, em distintos estados, depois que Haley decide vendê-lo. Enquanto a força de Elisa reside na luta e na resistência, passando por muitas aventuras e fugindo dos caçadores de escravos; Tomás encontra sua força na oração e no pacifismo.

A obra posteriormente, à luz dos movimentos civis dos negros norte-americanos no século XX, foi bastante criticada, principalmente pela personalidade de Tomás (para muitos,

passivo e serviçal). Contudo é inegável a importância literária da obra de Stowe. Seus personagens são empolgantes; a trama, envolvente e extremamente humanista, tornando impossível a indiferença do leitor.

A obra de Eliana Alves Cruz dialoga com a de Stowe ao narrar o destino de um grupo de negros, alterado pela tomada de decisão de seus amos. Cabendo a este grupo se posicionar diante dos fatos apresentados. As situações que essas personagens enfrentam os fazem perceber a ganância, a deslealdade, o oportunismo e a cobiça do homem branco e será determinante para procurar uma saída.

No que se refere às personagens, vemos muita aproximação. Há bastante do Pai Tomás em Tomásio: a idade madura, a religião como consolo e a força diante das contrariedades da vida. Ambas as personagens procuram agir pela razão e pela ética. São estas personagens que acabam ganhando o respeito das demais pelo seu caráter e bondade. Vejamos os exemplos:

Quando Tomás é separado de sua família para ser vendido, sua coragem reside na fé:

- Não perca a esperança, minha velha – disse ele ainda, fechando a Bíblia. – É preciso que você aceite tudo isso com resignação. Não tenho mesmo outra coisa que fazer senão entregar-me a quem hoje realmente pertença. Mas Deus não nos abandonará. Fique certa disso. (STOWE, 2003, p. 57).

Da mesma maneira, Tomásio, após ser libertado consagra sua vida em favor da religião:

Ele [Tomásio] ficou no Rio de Janeiro, e Savalú deixou o suficiente para que não precisasse mais se submeter a trabalhos tão pesados para sua idade. Conseguiu ajudar a impulsionar a construção da igreja e a estabelecer a irmandade dos santos que tanto amava. Abriu uma pequena venda onde oferecia santinhos, orações, ex-votos e edições do Lunário Perpétuo. (CRUZ, 2020, p. 93-94).

Nas outras personagens negras da obra de Eliana Alves Cruz, como Zé Savalú e Quitéria, percebemos como diante das situações extremas encontram coragem e persistência para lutar pela liberdade. Assim como ocorreu com George Harris, Elisa e Harry, personagens de Stowe. Estes personagens, à diferença de Tomás e Tomásio, acreditam na mudança pela radicalidade, isto é, arriscando a vida no enfrentamento.

Duas diferenças, contudo, marcam cada obra de maneira particular: Primeira, a ação do homem branco. Em *A cabana do Pai Tomás*, encontramos a bondade, a compreensão e a solidariedade do homem branco em várias personagens. De modo específico na comunidade quaker que acolhe e ajuda Elisa a fugir, colocando sua própria reputação em perigo. Provavelmente isso se deva a dois fatores: o primeiro, social, se refere a que havia um expressivo número de homens brancos comprometidos com a luta pela abolição da escravatura,

ao qual a própria autora pertencia. O segundo é de ordem literária; conforme mencionado, há uma forte influência do Romantismo, o que permite um desenho maniqueísta da sociedade.

Na trama de Eliana Alves Cruz, basicamente todos os personagens brancos (homens e mulheres) são desprovidos de caráter. São gananciosos, cruéis, vingativos, sádicos, ladrões e sentem repulsa e ódio pelos negros. A única personagem branca movida pela lealdade e pelo amor é Felipe, que morre no desfecho da trama. A autora segue uma linha literária mais realista, apoiada em questões históricas, revelando que no Brasil a escravidão do povo negro foi uma das mais violentas e cruéis, e em vista disso não há como apresentar brancos movidos por sentimentos altruístas.

A segunda diferença abrange a questão de gênero e sexualidade. Embora a obra de Stowe lançada no século XIX fosse pioneira em abordar a escravidão e o racismo nos Estados Unidos, devido ao contexto histórico-sócio-cultural, as tramas amorosas que permeiam a trama são plenamente heterossexuais. Nesse sentido, *Nada digo de ti, que em ti não veja*, é mais ousada e aberta: apresenta a homossexualidade como parte das relações afetivas na sociedade carioca do Brasil colônia; e as consequências da reprimida sexualidade feminina. A autora, naturalmente, é beneficiada pelas ciências (psicologia e sociologia) e pelas liberdades sociais conquistadas durante o século XX, por movimentos de Contracultura, feministas e negros, entre outros, que seriam impensados na época de Harriet B. Stowe.

4. CONSTRUINDO O INIMIGO

O escritor Umberto Eco, sempre atento às questões de nosso tempo, escreveu um intrigante artigo intitulado “Construir o inimigo”, no qual defende que é impossível a existência do homem sem a presença de um adversário, o que tornaria universal e contínua as rivalidades, conflitos e adversidades. Eco afirma que

ter um inimigo é importante não somente para definir a nossa identidade, mas também para encontrar o obstáculo em relação ao qual medir nosso sistema de valores e mostrar, no confronto, o nosso próprio valor. Portanto, quando o inimigo não existe, é preciso construí-lo. (ECO, 2021, p.12).

Eco nos dá luzes para entender o racismo citado nas obras de Stowe e Cruz. O autor italiano destaca que

Os inimigos são *diferentes* de nós e se comportam segundo costumes que não são os nossos [...] estrangeiro entre todos, e pela cor diversa, é o negro. [...]. O negro é feio. O inimigo deve ser feio, pois o belo é identificado com o bom (*kalokagathia*), e umas das características fundamentais da beleza sempre foi aquilo que a Idade Média chamara de *integritas* (isto é, tudo o que é exigido para ser um representante médio daquela espécie; portanto, para os humanos, serão feios aqueles a quem falta um

membro, um olho, ou que tem uma estrutura inferior à média ou uma cor “desumana”)[...]. Às vezes o inimigo é percebido como diverso e feio porque é de classe inferior [...] (ECO, 2021, p.14-20).

O fato de considerarmos o pensamento do semiólogo para conceituarmos a raiz do preconceito não justifica os atos de desumanidade e crueldade praticados contra o homem negro e a mulher negra, mas nos desafia a nos olharmos e perceber como nossa vida – pese aos avanços nas mais diversas áreas do saber – ainda é movida pelo conflito. Por isso a obra de Eliana Alves Cruz é pertinente, porque além de falar de seu povo nos mostra como a sexualidade dos outros e o racismo ainda são motivo de ódio e aversão.

Eco conclui seu ensaio sentenciando que é impossível prescindir do inimigo porque é algo inato ao homem. E se este homem for um promotor da paz, deslocaria a imagem desse inimigo às questões como “a exploração capitalista, a poluição ambiental ou a fome no Terceiro Mundo” (ECO, 2021, p. 27). Nesse sentido, questões dessa natureza nos despertariam e alertariam para lutar por um mundo melhor.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

O fio que une o pensamento de Eco às obras de Stowe e Cruz é que o conflito racial ainda existe. E embora a escravidão, no Brasil, tenha sido abolida há tanto tempo, o racismo não foi superado e, por isso mesmo, ainda são surpreendentemente atuais e urgentes as obras destas duas expressivas escritoras.

Muitos temas foram levantados neste artigo e que mereceriam mais profundidade ao serem estudados de maneira particular. Destaco urgência para o da crítica literária negra e, ao mencionar este tema, me refiro, de fato, à crítica literária feita por escritores e pesquisadores negros sobre obras escritas por autores negros. Penso que este olhar traria mais riqueza à literatura brasileira, além de apresentar novas perspectivas de análise.

Merece destaque também, ainda que já esteja em curso em vários livros e pesquisas, o romance histórico revisto pelo olhar dos oprimidos: negros, mulheres, indígenas, homossexuais, entre outros. Não se trata de despertar a desconfiança ou o desprezo nas narrativas que nos foram ensinadas nas escolas e nas diversas obras literárias e históricas oficiais, mas se trata, sim, de rever fatos históricos sob outros prismas e que merecem toda a atenção. A leitura da história e o que ela tem para nos ensinar hoje só faz sentido se for vista e estudada de forma ampla e não parcial.

Finalmente, merece cuidado o tema do ensaio de Umberto Eco citado neste artigo. A construção do inimigo vem de longe, talvez desde Caim e Abel, e isso explicaria muita coisa. Explica, mas não justifica. Nos resta, contudo, a utopia. Essa é feita de esperança e amor, e acredito que seja o caminho para que superemos diferenças e rancores. E a literatura pode nos ajudar muito nesse trajeto, com suas inúmeras histórias que nos fazem refletir e promovem mudanças significativas como o respeito e a aceitação.

REFERÊNCIAS

- ADICHIE, Chimamanda Ngozi. *O perigo de uma história única*. Trad. Júlia Romeu. São Paulo: Companhia das Letras, 2020.
- AZEVEDO, Luiz Maurício. *Estética e raça, ensaios sobre a literatura negra*. Porto Alegre: Sulina, 2021.
- CRUZ, Eliana Alves. *Nada digo de ti, que em ti não veja*. Rio de Janeiro: Pallas, 2020.
- ECO, Umberto. *Construir o inimigo e outros escritos ocasionais*. Trad. Eliana Aguiar. Rio de Janeiro: Record, 2021.
- RIBEIRO, Djamila. *Lugar de fala*. São Paulo: Jandaíra, 2020.
- STOWE, Harriet B. *A cabana do Pai Tomás*. Trad. Herberto Sales. Rio de Janeiro: Ediouro, 2003.
- VAN SPANCKEREN, Kathryn. *Literatura americana*. Trad. Márcia Biato. Departamento de Estado dos Estados Unidos da América, 1994.

Recebido em: 08/09/2021
Aprovado em: 14/01/2022
Publicado em: 29/04/2022